

Entrevista com E. Augusto Guimarães

Entrevistador: Sérgio Goes de Paula

Data: 16 de Julho de 2015.

E. Augusto: Vamos lá?

Sergio: Vamos.

E. Augusto: Eu acabei... Eu era da área de indústria e fui para Brasília, retomando... eu acabei indo... o Pelúcio me chamou para a Finep; eu tinha a alternativa de ficar no Inpes, mas naquela época também, o (José Ribeiro) tinha um grupo de pesquisa e tal e fui para lá, mas eu...

Sergio: No Impes estava o Candau, né?

E. Augusto: Candau não, ele já tinha saído de lá.

Sergio: Mas estava o Pedro, ou já tinha saído?

E. Augusto: Já tinha saído, estava voltando, o Regis tinha voltado.

Sergio: De Berkeley...

E. Augusto: Tinha o Carlos Eduardo, tinha muita gente, tinha a Conceição, estava uma ebulição.

Sergio: A Finep era uma ebulição naquele momento.

E. Augusto: Eu trabalhei muito com o Pelúcio na época em que eu estava no Ipea, porque ele era o subsecretário de planejamento para assuntos de ciência e tecnologia. Nessa época não se falava muito em inovação não, mas em ciências e tecnologia e nós trabalhávamos na parte da indústria, em toda parte de tecnologia industrial eu fazia... Então eu já tinha trabalhado com ele no PND [Plano Nacional de Desenvolvimento], sempre tinha uma parte de tecnologia que a gente fazia em conjunto com ele, então eu o conhecia bem. Ele me chamou e insistiu muito. Eu estava querendo fazer doutorado e no Inpes, eu já estava cinco, seis anos no Ipea e certamente ia fazer doutorado, aí eu falei "Se eu for para a Finep eu vou..." , aí eu negocieei com ele e ele falou "Não, você vem e vai fazer doutorado, estou esperando você lá. Então eu estou falando citou um pouco do PBDCT, eu fui para a Finep e comecei no dia primeiro de dezembro de 1974, fechei as contas lá no Ipea e passei para a Finep. No fim de julho de 1975 eu fui para a Inglaterra, fiquei lá oito meses, já fui com essa perspectiva de sair. Então esse período que eu fiquei lá não estava tocando nenhum projeto maior, assim, eu estava acabando a minha tese. A Leonídia, não sei se você se lembra dela...

Sergio: Quem?

E. Augusto: Leonídia, que é a sogra do Gabeira, entre elas, a filha dela se casou com o Gabeira.

Sergio: Me lembro do nome, não me lembro da figura.

E. Augusto: Era a pessoa mais quadrada que tinha, depois deixou de ser quadrada, separou do marido e tal... Ela fez as primeiras pesquisas sobre indústria de cimento, então como tinha esse PBDCT sendo elaborado, o Pelúcio me pegou para eu fazer o PBDCT e eu tinha bastante experiência de fazer planos para o Veloso, desde [19]69 até [19]75, todos os planos que saíam a gente fazia parte, da indústria fazia lá no Ipea, sabia bem como era a receita etc. Aí fui para lá, então fiquei basicamente fazendo esse negócio, mas assim, numa atividade assim mais ou menos provisória. Além disso eu participava **em ciência e tecnologia** eu fui para Caracas numa reunião/negociação com os Estados Unidos de ciência e tecnologia etc. O processo de trabalho, se eu me lembro bem, a gente recebia material de vários órgãos, ministérios etc., e a gente fazia uma consolidação. Quem trabalhava quase que em tempo integral nisso era eu e o Jacques (05:07), sabe quem é? Um que era matemático.

Sergio: Sim.

E. Augusto: **Ele está na Fundação, na Fiocruz**, então nós dois trabalhávamos juntos. Eu enrolava mais do que trabalhava, ele entendia da parte de ciências, eu tocava o... Eu escrevia as introduções, colhia material e escrevia, eu tive relendo agora o capítulo de estratégia, inegavelmente foi eu quem escrevi, pelo estilo não tenho dúvidas de que fui eu quem escrevi, e fazia essa coleta de informação, enquanto supervisionava; o Pelúcio acompanhou muito próximo isso, e o Candiota, que foi outra pessoa que esteve muito ligado a esse processo.

Sergio: Eu trabalhava muito com o Candiota.

E. Augusto: Você, né?

Sergio: É.

E. Augusto: Ele está vivo ainda?

Sergio: Eu tenho uma vaga informação de que não.

E. Augusto: Eu estive com ele – começa o papo de velho – eu fui à missa de sétimo dia do Ferrari e ele estava lá, estava lá na missa, isso não tem muito tempo não.

Sergio: Não sei, eu tenho uma vaga lembrança de ter recebido essa notícia..

E. Augusto: Eu me lembro, mais de uma vez, foi em fevereiro, o Pelúcio estava ali de férias em Teresópolis e o Candiota tinha casa em Teresópolis também, então eu fui umas duas vezes. O carro da Finep me pegava e eu ia para Teresópolis e me reunia lá, tinha casa, não, o Pelúcio não tinha casa, um mísero apartamento no centro de Teresópolis, mas o Candiota, acho que não era ele, a mulher dele tinha uma casa lá, a gente se reunia na casa do Candiota para discutir o PBDCT. Então ele ia fazendo o trabalho e tinha uma... eu estava pensando, estava se montando essa estrutura e tinha uma certa tensão entre os órgãos. O Pelúcio estava esperando ser presidente do CNPq, ficou como vice e ganhou a Finep. Então ali entre ele e o Candiota sempre teve uma saia justa, ele assumiu a responsabilidade de fazer o plano, mas acho que meio como vice-presidente do CNPq, embora fosse da Finep, o CNPq não tinha nenhuma estrutura para isso...

Sergio: Não tinha estrutura nenhuma.

E. Augusto: E o pessoal do (João), era o pessoal de informática, eu me lembro que nesse processo ele recebia o equipamento e tinha que consolidar isso, não tinha ...

Sergio: O plano (PBDCT) era o quê, foi apresentado número, “nós vamos gastar tanto em tantos anos” ou não?

E. Augusto: Disso eu não me lembro, acho que tinha um orçamento para gastar e os órgãos apresentavam os seus projetos e a gente ia consolidando.

Sergio: Uma coisa que vinha da presidência “são X milhões em Y anos”, então está dividido em tais e tais setores, então você chegava para os ministérios que correspondente desses setores e dizia “olha, você tem...”

E. Augusto: Eu diria que era algo assim, devia ter um processo de... tinha o total, já estava definido, eu peguei o processo que já estava andando, eu era o distribuo que fazia o discurso e...

Sergio: E recolhia as informações que vinham dos ministérios.

E. Augusto: Recolhia informações e da própria Finep, a parte de indústria certamente não foi o pedinte que fez, essas tensões que tinham CNPq/Ipea, CNPq/Finep e STI (Secretaria de Tecnologia Industrial), que era o Bautista Vidal, não sei se você se lembra.

Sergio: Lembro, claro.

E. Augusto: Que tentou me levar para trabalhar com ele lá na STI nessa época, então você vê que eu estava folheando ontem, tem um programa de um dique que era um projetos bastante operacionais na crise e tal e tinha uns programas dos Ministérios. Tinha o Ministério da Marinha, do Exército, Educação e Saúde, etc., mas os militares tinha uma atuação... o Pelúcio era muito ligado aos militares, a determinados... eram os militares em geral, o pessoal ligado a tecnologia dos Ministérios, o resto...

Sergio: Me diga uma coisa, quando era saúde, o PBDCT eu posso entender que ninguém pode ter achado que pudesse fazer aquilo porque não podia, o Ministério da Saúde era completamente incompetente para esse tipo de coisas e para outras também, certamente não tinha estrutura como tem hoje, agora isso foi feito lá na Finep. Eu me pergunto, porque que não foi feito pelo Eduardo Kertesz, porque era um cara que podia fazer.

E. Augusto: Ele já estava em Brasília nessa época, né?

Sergio: Estava em Brasília, mas boa parte dos ministérios estava em Brasília também.

E. Augusto: Eu acho que o Pelúcio não tinha muito contato com o Eduardo Kertesz e as coisas eram muito na base das relações pessoais, Pelúcio sempre foi assim, né? As coisas funcionavam muito assim também. A parte da estratégia da indústria certamente a gente fez na Finep.

Sergio: É, a parte da saúde foi feita na Finep.

E. Augusto: Na parte da indústria ainda tinha uma pessoa próxima do Pelúcio que foi o Beato, sempre foi muito próximo do Pelúcio, antes de mim até, o sujeito maior era o Beato, que estava em Brasília e participou desse processo também. Tinha isso, a gente fazia de um lado e o Bautista Vidal fazia lá a parte dele também, mas ele estava mais na parte de INPI, que estava subordinado a ele, e na parte de tecnologia industrial básica, não me lembro de quem estava nessa parte. A Marinha e o Exército estava também.... embora eu tenha trabalhado no plano (12:26) a minha parte era a indústria, mineração, informática e tal, eu entendia melhor como era que funcionava essas áreas e outras para te dizer a verdade eu não...

Sergio: Você não tem lembranças na área da saúde, do PBDCT?

E. Augusto: Não, me lembro que você estava por lá, não me lembro detalhes, realmente o meu envolvimento não burocrático, técnico, de organizador foi na parte de indústria, aí eu tinha o discurso, tinha...

Sergio: Você tinha interesse.

E. Augusto: Eu tinha interesse e sabia o que estava fazendo, nos outros eu estava..

Sergio: Coletando.

E. Augusto: Coletando, organizando e montando dados. Tinha mais uma pessoa que participava muito que era o cara do Candiota do CNPq, que veio se juntar ao grupo, que era um cara da informática, então ele ia coletando as informações dos ministérios e das outras áreas da Finep e gente consolidando, não tinha micro nessa época, obviamente, a Finep não tinha computador... não sei se tinha também... eu me lembro que todo dia eu ia lá para o IBGE...

Sergio: Para rodar.

E. Augusto: Para rodar, tinha o Antônio Olinto, não sei se você se lembra desse cara.

Sergio: Não.

E. Augusto: Era da área de informática, estava muito ligado ao Pelúcio também, rodava lá, então ia aquelas caixas de cartões e voltava listagens, mas ele fazia esse trabalho, levava os cartões e trazia as listagens de lá, cuidava da parte da computação e um pouco da organização o Candiota acho que era depois do Pelúcio era o grande.

Sergio: Será que o Candiota está vivo? Seria bom encontrar o Candiota, quem poderia achar o Candiota para a gente?

E. Augusto: O Fábio Celso, a Fernanda talvez saiba. A Fernanda, sabe quem é a Fernanda Gadelha?

Sergio: A Fernanda que é casada com o João Bosco?

E. Augusto: Aquela é a Cristina.

Sergio: Não, aquela é a Cristina, é verdade, eu sempre chamo ela de Fernanda.

E. Augusto: Ela era do grupo, era... ela era casada com o Gadelha lá da Finep, depois casou com o Fernando que também era do grupo de pesquisa.

Sgoe: O Fernando e a Fernanda eu sei, são amigos da Valéria, inclusive.

E. Augusto: Isso, eu tenho bastante... posso até depois ligar para ela para saber, ela trabalhava muito com a Leane, as duas foram para o CPA...

Sergio: É, eu vou perguntar para a Leane, eu vou estar com a Leane, ela é capaz de ... ela trabalhou com o Candiota também, talvez ela saiba.

E. Augusto: A Fernanda trabalhou com a Leane e foi para o CPA com o Zé Tavares, depois ele saiu e elas continuaram mais o Betinho, você sabe quem é, é o irmão do Eustáquio, você sabe quem é.

Sergio: Sim, claro

E. Augusto: Os três continuaram uns vinte anos no CPA, depois (16:10) e tal, aí voltou e foi para Brasília, há uns cinco, seis anos para (16:19), aí a Leane se aposentou e a Fernanda trabalhou e voltou para a Finep e tralhou lá até um ano atrás, ela se aposentou.

Sergio: Me diz uma coisa, como você situa o PBDCT naquele momento?

E. Augusto: Eu acho que você estava tentando estruturar um sistema de coisas que funcionavam de forma isoladas e estava tentando criar novas áreas, instrumentar novas áreas que não estava ainda desenvolvidas. Acho que foi um esforço bastante grande de organizar, de dar alguma lógica nesse processo. Você tinha a aprovação de projetos mais próxima a um balcão, você ia chegando..., então a burocracia ia criando os programas e ia implantando, assim as coisa iam se desenvolvendo. Eu acho que ali se tinha uma ideia de um planejamento mais organizado, se não centralizado, a tentativa era de dar ordem nesse... de ter orçamento, e que você soubesse para onde estava indo o dinheiro. Acho que foi uma experiência... teve o primeiro PND, mas os dois... PND... teve o [segundo] PBDCT seguiu o primeiro PBDCT, foi um salto em relação ao (primeiro), da mesma maneira que do primeiro para o segundo PND mudou bastante... essa história de tecnologia desse período inicial em que eu vivi, [19]69 até [19]70 e pouco, você tinha uma divisão muito clara na área econômica, você tinha o Veloso planejando e ninguém dava a mínima bola para o planejamento dele e tinha o...

Sergio: Delfim...

E. Augusto: Delfim fazendo uma política pragmática dele. O divórcio era absoluto, inclusive o discurso... a estratégia do Veloso era uma estratégia nacionalista moderada, tentou desenvolver a tecnologia nacional e fortalecimento, o Delfim estava se lixando pra isso, ele queria crescer, não estava muito interessado...

Sergio: Não tinha nenhum interesse também em planejamento.

E. Augusto: Ele era um improvisador, então para uma pessoa com a personalidade dele, o planejamento é a pior coisa, é uma amarra que não interessa.

Sergio: Claro.

E. Augusto: Eu peguei o governo Medici, entrei depois do AI-5 e basicamente fiquei todo o governo Medici, aí era isso, o Delfim fazia política e a gente fazia documentos no Ipea. Onde tinha interferência maior e direta era através do CDI (Comissão de Desenvolvimento Industrial), então toda a parte de petroquímica etc., o Ministério tinha participação, o Ipea tinha participação, então se deu alguma influência, mas o resto... Na política em geral tinha um divórcio da política de ciência e tecnologia com a política econômica, tinha um divórcio, o próprio discurso da política industrial e a política industrial...

Sergio: Efetivamente.

E. Augusto: Entretanto, nesta época, o que eu chamo de política industrial explícita e a política industrial implícita – tinha um explícita que era a do Veloso e tinha uma política industrial que não estava formulada, mas que estava implícita na atuação do Delfim.

Sergio: O governo Geisel começa quando?

E. Augusto: Aí é que está, essa é a primeira mudança, primeiro, que o Delfim sai.

Sergio: Quem entra na Fazenda?

E. Augusto: Simonsen, que não era o tanque que.... era cara mais de ministro da Fazenda. O Delfim era ministro de Economia, mexia em tudo, o outro era mais ministro da Fazenda e o Veloso se fortalece muito com ele. A grande mudança é que ele deixa de ser ministro do Planejamento, Miniplan, e vira o primeiro-secretário do Ministério de Planejamento da República, então ele ganha status e vai para o palácio, trabalha próximo ao Geisel e ganha o status de chefe, tinha o chefe da Casa Civil e uma espécie de chefe da Casa Econômica, se bem que ele não deve ter se metido a dar palpites na área da Fazenda, ele sabia o papel dele. Simonsen devia tocar lá a parte de ministro da Fazenda propriamente dito, além disso ele pensava muito parecido com o Geisel nessa área econômica. Acho que aí é que o Ministério... o segundo PND reflete isso, o segundo PBDCT, se você for ver, reflete isso também.

Sergio: A política do Geisel é radicalmente distinta em vários... uma das ideias é aquela de fortalecimento do Estado, a participação do Estado em áreas estratégicas, petroquímica, por exemplo, você tinha... era tripartite, você tinha o Estado, uma empresa nacional e uma empresa estrangeira...

E. Augusto: Esse projeto é um projeto de engenheiro mesmo.

Sergio: Um projeto de engenheiro, achar que pode dar certo e tem que dar.

E. Augusto: E você fragmenta toda a indústria petroquímica, a tendência é você ter grandes empresas petroquímicas com sinergia nessas áreas. Você fragmentou, e depois conseguir juntar isso... Os sócios são os mesmos, a Petrobras estava em todas, fora disso, os sócios privados deles, os japoneses, não sei o quê era diferente. Foi um processo complicado para recompor isso tudo.

Sergio: Você tinha reserva de mercado absolutamente rígida.

E. Augusto: Isso em geral, o CDI era uma vergonha aquilo, nesse período você fazia uma projeção de demanda, tinha projeção de oferta, o Ipea fazia muito isso, fazia uma projeção de oferta, uma econometria vagabunda, só tinha engenheiro lá fazendo essas coisas. Aí você ia dando projetos, você dava projeto até atender

Sgoe: Aquela projeção...

E. Augusto: Criou um cartório, você ia para o CDI aprovava teu projeto e não fazia, depois você estaria vendendo...

Sergio: Os seus direitos.

E. Augusto: Os teus direitos de fazer.

Sergio: Isso se fez muito no Brasil, no Império.

E. Augusto: Exatamente, mas a **minha** era mais institucionalizada.

Sergio: As estradas de ferros foram feitas, algumas delas, exatamente assim. Agora, havia uma mudança relevante do Geisel para o Medici, vamos ficar apenas nos presidentes, e era o seguinte: todo o governo Medici, o período Delfim, aquela coisa do crescimento, crescer o bolo para depois dividir, então a gente chegou num momento, essa ideia de que o Brasil era extremamente desigual, claro que era, não estou discutindo que não era, a ideia da desigualdade ser uma coisa brutal passou a ficar insuportável, como é que se passou a fazer isso, não é... A opção *vamos elevar salários*, era a opção que ninguém pensava nisso, então o que o Geisel... estou apresentando essa ideia e quero que você me corrija se eu estiver errado, a ideia do governo Geisel foi propor algumas políticas compensatórias, por isso a valorização da política de saúde, por exemplo, de medicamentos etc. Seria assim: você não aumenta os salários, mas você melhora o atendimento à saúde, valorizaria o atendimento básico, seria uma coisa que estaria embutida na política Geisel, você acha que faz sentido?

E. Augusto: Acho que sim, eu percebo mais a política Geisel pela área...

Sergio: Industrial.

E. Augusto: Mais industrial do que econômica, mas eu acho que sim, porque o Medici era um presidente omisso, cada ministro tocava sua área, o Delfim era o czar. O Geisel não era mais competente que a Dilma e se metia em tudo, controlava tudo.

Sergio: Era mais competente que a Dilma, mas não chegava a ser um Delfim.

E. Augusto: Não, não chegava.

Sergio: Ele tinha uma ideia delirante de Petrobras.

E. Augusto: Ele pensava errado, ele tinha mais controle, ele era general, então sabia mandar, a Dilma precisa berrar...

Sergio: Ele pensava errado, mas era bem informado.

E. Augusto: Bem informado, exatamente. Agora, o negócio de estatal, se bem que o Delfim era bem estatizante, se você pensar bem. Só que era uma estatização à moda dele, não era uma ideologia, onde era necessário ele avançou. A estatização começa com o Castelo, a Eletrobras, esse processo das *bras* é dessa época. A área da tecnologia ficou muito fortalecida e tinha dinheiro naquela época, essa é a diferença.

Sergio: Tinha dinheiro até para a saúde, tinha dinheiro para tudo.

E. Augusto: O IBGE na época do Isaac [Kerternetski], **tirava ciência...** fazia uns textos, tinha liberdade para contratar, eles faziam estoques até de automóvel, comprava, tinha tanto dinheiro sobrando, daí para frente foi uma miséria desgraçada, mas eles nadavam em dinheiro.

Sergio: Nadavam em dinheiro, era uma quantidade de dinheiro espetacular.

E. Augusto: Salários altos.

Sergio: Salários muito altos, na época pagava-se muito bem.

E. Augusto: Eu fui fazer doutorado na Inglaterra com o salário da Finep, só.

Sergio: Que devia ser mais de dois mil e quinhentos a três mil dólares, que era altíssimo.

E. Augusto: Não, eu morava em Chelsea, eu pedi uma bolsa para o Conselho Britânico só para pagar a matrícula, eles davam uma mensalidade, acho que de cem libras, um negócio assim. Tinha uma instrução de que você não deve beber cerveja todo dia, porque não vai dar o dinheiro, e eu ficava com vergonha, ia lá falar com a minha *officer* e dizia onde eu morava, bom, eu não vinha para o Brasil, mas viajava pelo menos duas vezes por ano durante dez, quinze dias, viajava nos fins de semana para Paris e eu voltei com dinheiro. Poupei durante o meu doutorado na Inglaterra, realmente era um bom salário. **Eu me lembro que os brasileiros, a gente tinha orgulho dele, não sei se você conheceu ele.**

Sergio: Sei quem é.

E. Augusto: Ele foi o meu orientador foi o meu **(30:09)** na École... Estava o Daniel Oliveira, a gente ia, chamava ele para ir ao balé, o problema é que ele não tinha dinheiro, não podia ir ao balé assim, era claro, morava fora de Londres e tal.

Sergio: **Agora, a Finep foi uma coisa excepcional ou foi uma excepcional marcada pela personalidade do Pelúcio, ou foi um fruto daquele meio mesmo?**

E. Augusto: Acho que a Finep era um fruto daquele meio, mas o Pelúcio tinha uma capacidade de agregar, ele tinha sua corte muito competente lá, mas tinha muita gente boa também, tirando o Fábio Celso, que nunca trabalhou na vida.

Sergio: Nunca trabalhou na vida

E. Augusto: Até agora que ele se aposentou... A Fernanda se queixava, porque ela voltou lá para Finep. Ela foi para Campinas, foi colega do Mercadante em Campinas. O Mercadante gosta muito dela, ela é tucana radical, o marido dela então...



Sergio: Eu sei, eles são...

E. Augusto: Mas o Mercadante gosta muito dela e pôs ela lá de superintendente de planejamento na Finep, na volta dela para a Finep, ela era de ciência e tecnologia e ninguém mexia nela. O medo dela era que o Fábio Celso ficasse subordinado a ela, porque disse que ele chega lá a hora que quer, sai a hora que quer, disse “eu não trabalho mesmo não, não sei o quê” e não se aposentava também, agora que ele se aposentou. Ele é uma dessas pessoas que não trabalham, mas tem pessoas que não trabalham mas contribuem de vez em quando. O Contador... mas ele agregava, ele em geral tinha um bom faro para fazer as escolhas dele, porque era muito... não sei porque eu estou falando isso, mas tinha um clima propício, não tinha nada institucionalizado, então era muito... onde você acertava na aposta, você ia para frente, quando não acertava dava errado mesmo.

Sergio: Como é que o Pelúcio naquele tempo que era um tempo bravo, ele colocou a Conceição, o Lessa, o Castro, para falar nos três...

E. Augusto: Veloso, né?

Sergio: Veloso.

E. Augusto: O próprio Pelúcio não era de esquerda.

Sergio: Eu sei, para bancar esses três e mais nós três que fomos atrás desses três, é preciso...

E. Augusto: O Ipea né? É preciso...

Sergio: O Ipea passou anos, esse negócio que você falou, o Ipea era uma propaganda oposicionista à política da Delfim. O Regis e o Pedro Malan passaram anos da vida escrevendo sobre distribuição de renda na...

E. Augusto: O Veloso, eu fujo do Veloso porque ele está chato, mas ele tem um certo mérito, não sei dizer, mas ele tinha força, eu digo, não bancar esse negócio, eu digo lavar as mãos como todo mundo fez. O Simonsen devia ter muita força também, tirou a Conceição da prisão...

Sergio: É, aí também era...

E. Augusto: Era exagero né?

Sergio: É.

E. Augusto: Ele sustentou, você tinha liberdade, as pessoas tinham um bom-senso também... O pessoal da luta armada era estagiário.

Sergio: Exatamente.

E. Augusto: Pra cima não tinha ninguém, o pessoal tinha bom-senso.

Sergio: Você acha que o PBDCT teve alguma... qual a importância do PBDCT?

E. Augusto: Bom, vou te falar, eu fiquei surpreso ao ver a data em que foi publicado... fevereiro de

[19]76. Pô, saí em fim julho e pensei que já estava quase tudo pronto, mais de seis meses depois para sair... O problema é que eu fiz o PBDCT e fui embora...

Sergio: Foi em [19]75 o PBDCT, né?

E. Augusto: O meu trabalho foi até julho de [19]76.

Sergio: Mas, enfim, foi feito ao longo do ano de [19]75 e aprovado em [19]76.

E. Augusto: Essa é outra maluquice, o orçamento dele é de [19]75, [19]76, [19]77, ele foi publicado...

Sergio: Em [19]76.

E. Augusto: Fevereiro de [19]76. Eu saí em seguida, eu fui embora e passei três anos sem vir ao Brasil, naquela época não tinha internet, você quase não telefonava para o Brasil, porque era caríssimo, recebia a Veja, o pai da Cristina mandava, não tinha jornal, então se lia muito pouco das coisas que estavam ocorrendo por aqui, então eu não avalio a representação dele, eu deixei ele inacabado...

Sergio: Certo.

E. Augusto: Mas ele era um plano que estava na linha de governo, acho que a grande diferença dele em relação ao primeiro PND...

Sergio: PBDCT.

E. Augusto: O primeiro PND não tinha nada a ver com o governos, os PBs estão sempre ligados aos PNs, ali um está ligado, não tinha não, o outro tinha a ver e a política do período foi implementada, né?

Sergio: O segundo PND foi último grande plano de governo que foi elaborado? Quer dizer, depois da ditadura ninguém mais...

E. Augusto: Não, tem esses arremedos de política industrial de “Brasil Grande”, PPP, até fiz uns acompanhamentos desses... um negócio que saiu de moda né?

Sergio: É, o Estado tem um protagonismo imenso, mas não tem mais... enfim, não está mais... como você diz, o Estado não está na moda mais.

E. Augusto: Depois acho que teve o terceiro PND ainda, deve ter, esse foi no governo Figueiredo, mas acho que esse foi mais para...

Sergio: Para dar emprego aos nossos colegas.

E. Augusto: Para dar emprego, depois veio o do Collor, não, governo Sarney, não me lembro se teve, aí começou a ter problema de dinheiro, aí foi o problema da ...

Sergio: Aí os planos foram mais para tentar resolver questões monetárias, políticas industrial definitivamente...

E. Augusto: Teve o... enxertou da política industrial, foi até um negócio gozado, a política mais radical que houve, a política de informática, na década de [19]80, aquilo era uma maluquice absoluta. Quando estava tudo... você fez o que não tinha feito nos regimes anteriores, proibir importação de equipamentos e tal, aquilo, realmente... o Roberto Campos ele tem a frase: *o que salvou o Brasil foram os contrabandistas...* Era acesso à informática, porque o resto depois o Collor mudou radicalmente.

Sergio: Era incrível, me lembro que na crise Collor, numa entrevista na TV apareceu um cara, não sei quem, com um computador Mac ao fundo, no escritório, enfim, eu me lembro de um comentarista dizendo, ele contrabandeou, não poderia estar aí.

E. Augusto: Tem um episódio, o primeiro computador que eu comprei foi em [19]88, quando eu saí do IBGE, da primeira vez que sai, no governo Sarney e aí eu fui comprar um computador como se comprava, os jornais publicavam anúncios de computador. Eu fui lá no Rio Comprido numa casa lá que vendia, então fui lá comprei o computador e usei, aí dois ou três anos depois, eu até já tinha passado esse computador para o Ricardo, eu recebo uma convocação/intimação para ir a Polícia Federal sobre um processo... aí tem um primo da Cristina que é advogado e pedi para ele ir lá. Márcio, ele é primo da Cristina, falante e mentiroso. Mentiroso assim, mentiroso patológico, conta mentira pelo prazer de contar mentira, mas ele era muito divertido e foi lá ver, aí voltou, a história é a seguinte: a polícia tinha batido nesse lugar que eu tinha comprado e acharam lá.

Sergio: Seus dados.

E. Augusto: Eu comprei, não tinha nota fiscal, não tinha nada, deu problema e aí eu levei lá para consertar e eles tinha anotado o meu nome, endereço etc., para o tal do reparo e a polícia foi lá e pegou. O pior é que não era contrabando, o problema era que além de vender produtos contrabandeados, ele pegava peça roubada e usava, e então eu estava envolvido em um processo por receptação. Aí o advogado conversou com o delegado e disse “não, eu compreendo, não sei o quê e tal, vamos fazer o seguinte: se o senhor quiser eu até arranjo uma nota fiscal”. E aí eu paguei na época, sei lá, quinhentos reais, não me lembro nem qual era a moeda, para o delegado me dar uma nota fiscal fria. Aí ele deu, eu fui lá e paguei, e o advogado foi lá e disse “Você me dá essa nota fiscal, eu estou pagando.”. “Não, está na folha do processo, não posso tirar”. “Ah, não quero saber”. Aí arrancou a folha do processo e me trouxe a folha do processo.

Sergio: Com a nota fiscal.

E. Augusto: Para você ver a esculhambação que era, depois eu vendi esse computador para o Ricardo.

Sergio: Ricardo Tolipan?

E. Augusto: É, mas tinha essa maluquice que era, você não podia ter (43:08) eu participei dessa história né? Na época da transição, a Zélia conhecia o Winston [Fritsch], os dois eram da área de história econômica. Na campanha de [19]80 em que o Covas foi eleito, botaram um grupo para escrever papers para o Covas. Então era eu, o Gustavo Franco e o José Roberto Mendonça de Barros e depois não se fez mais nada, vieram e pegaram uns dois artigos para o Covas e só, ela

pegou os de politica industrial e aí o Winston chamou eu e o Gustavo para fazer, nós três redigimos as famosas MP-158 que abriu a economia etc., etc. a coisa é tão maluca que tudo que a gente pôs lá, passou, a gente fez, assim, tudo. Lá era assim, o Gustavo era o mais radical e eu ficava segurando ele um pouco. Duas coisas mudaram na MP que a gente preparou, uma acabava com a Zona Franca de Manaus, eu achava que era demais, mas eu acho que só não passou porque a Zélia estava de caso com...

Sergio: Com um manauara.

E. Augusto: A gente não sabia, e a outra coisa era que a gente acabava com o adicional de frete da Marinha Mercante que é um negócio aí para financiar... absurdo, que tem até hoje, mas não acabaram e reduziram à metade. Você paga um adicional para financiar barco, mas o resto tudo que a gente fez, a gente não tinha mandato nenhum para fazer, mas saiu, mandamos para o Congresso que fez uma ou outra mudança... outro dia até baixei essa MP lá.

Sergio: MP 178?

E. Augusto: 158.

Sergio: 158

E. Augusto: Primeiro veio essa MP, depois virou lei, então... A gente trabalhava aqui, depois só mandou para a Zélia, tinha dois grupos, tinha o do João Maia, você conheceu o João Maia?

Sergio: Não.

E. Augusto: É da UFRJ, João Maia era a pessoa que mexia nos preços e tratava da indústria.

Sergio: Zélia está em Nova York até hoje, né? Ou já voltou?

E. Augusto: Estava, quando eu estava no Banco do Brasil ela me telefonou e disse que tinha um grupo de investidores que queria investir no Brasil e se eu poderia receber. Eu estava indo a Nova York e marquei um encontro com ela e ela apareceu lá, era uma pessoa pequenininha que eu até fiquei impressionado, está por lá ainda.

Sergio: OK, foi bem bom. Essa coisa do PBDCT, porque é isso, eu acho que foi num momento muito especial, um momento em que houve uma mudança bem profunda, ali naquele momento, mais profunda do que parecia na época e era curioso, porque era uma coisa que era feita... Eu tinha a impressão, quando participava daquilo, eu não tinha muita noção de onde eu estava metido, qual era a dimensão daquilo tudo. Não tinha mesmo. Eu me lembro que você me chamou para fazer essa coisa, eu chamei o Eduardo Costa, você lembra disso? Que a gente contratou...

E. Augusto: Não.

Sergio: Deve ter contratado vários consultores, durante exatamente esse seis meses, deve ser o período que você estava, apoiou a gente nesse...

E. Augusto: Eu entrei no primeiro semestre de [19]75.

Sergio: [19]75.

E. Augusto: Aqui a data é de 31 de março decreto de...

Sergio: Ótimo, beleza.

E. Augusto: ele está por aí ainda, de vez em quando ele escreve um artigo... pronunciamento do Veloso... esse aqui certamente foi eu quem escrevi...

Soes: Eu acho que a gente falou, vamos ver.